



## **Saber uma língua é separar o certo do errado?**

**A língua é um organismo vivo que varia conforme o contexto e vai muito além de uma coleção de regras e normas de como falar e escrever.**

Ataliba T. de Castilho (USP, CNPq)

Índice:

1. Como é essa história de falar certo e de falar errado?
  - 1.1 Nível sociocultural do falante
  - 1.2 Graus de intimidade com o interlocutor
  - 1.3 Variação etária e variação sexual
2. O que vem a ser Português culto?
3. O português certo e o português errado seriam duas línguas diferentes?
4. Dizem que o Português é uma língua muito difícil. É verdade?
5. Onde se fala o “melhor português”?
6. Então, o que faremos com as regras do certo e do errado?
7. Novas Perguntas
8. Leituras recomendadas
9. Glossário

### **1. Como é essa história de falar certo e de falar errado?**

Para encaminhar esta questão de falar certo e de falar errado, precisamos inicialmente nos perguntar como as línguas naturais – como o Português – funcionam na sociedade.

Uma das respostas a essa pergunta foi formulada pela Teoria da variação e mudança.

De acordo com a Teoria da Variação e Mudança, a língua é um fenômeno intrinsecamente heterogêneo, justamente por que é usada em nosso dia-a-dia, tendo por consequência de dar conta das muitas situações sociais em que nos envolvemos quando falamos.

O locutor e o interlocutor atuam em diferentes espaços, concretamente configurados. Para se comunicar com eficiência, eles fazem diferentes escolhas no multissistema linguístico, as quais deixarão marcas formais em sua produção linguística.

Vamos sistematizar um pouco esse lance dos “diferentes espaços”. Imagine um locutor conversando com um interlocutor. Ambos estarão necessariamente localizados nos seguintes eixos espaciais:

(1) Espaço geográfico

Quem fala e quem escuta o faz num determinado território geográfico. Descobriu-se que há uma correlação entre a região de origem dos falantes e as marcas específicas que eles vão deixando em sua produção linguística. Portugueses e brasileiros não falam do mesmo jeito. Brasileiros do Norte, do Nordeste, do Sudeste, do Centro Oeste e do Sul não falam exatamente do mesmo jeito. Uma língua natural conterà, portanto, diferentes dialetos\*, relacionados ao espaço geográfico que ela ocupa. Esse fenômeno é estudado pela Dialectologia\* e pela Sociolinguística\*.

De todas as variedades do Português, a variedade geográfica é a mais perceptível. Quando começamos a conversar com alguém, logo percebemos se ele é ou não originário de nossa região.

(2) Espaço social

Mesmo que considerássemos os falantes do Português originários de uma mesma região, ainda assim sua linguagem vai variar, pois cada falante procede de um segmento diferente da sociedade. E já se observou que há uma correlação entre fatos linguísticos e o segmento social de onde o falante procede. Podemos sistematizar o espaço social levando em conta pelo menos três variáveis: (i) nível sociocultural do falante, (ii) sua intimidade com o interlocutor, (iii) sua idade e sexo. Vamos examinar isso de perto.

**1.1 – Nível sociocultural do falante**



Analfabetos e cidadãos escolarizados não falam exatamente da mesma forma. Analfabetos usam o *Português popular*, ou variedade não-culta. Pessoas escolarizadas usam o *Português culto*, ou variedade padrão, aprendida na escola ou nos ambientes familiares de pessoas que cultivam o hábito da leitura.

Seriam muito diferentes essas variedades? No quadro a seguir, reunimos algumas de suas características.

**Quadro 1: características do Português Brasileiro popular e do Português Brasileiro culto**

PORTUGUÊS BRASILEIRO POPULAR	PORTUGUÊS BRASILEIRO CULTO
PRONÚNCIA DAS VOGAIS E DOS DITONGOS	
Ditongação das tônicas seguidas de sibilante no final das palavras: <i>mêis, luiz</i>	Essas vogais são preservadas: <i>mês, luz</i> .
Átonas iniciais podem nasalar-se: <i>enzame, inducação, inleição</i> .	Mantém-se a átona inicial, flutuando sua pronúncia como <i>exame / izame, educação / iducação</i>
Abertura das átonas pretônicas no Nordeste ( <i>còvardi, nòturno, nèblina, rècruta</i> ), fechamento no Sul ( <i>covardi, noturno, etc.</i> ). Fechamento maior em palavras dissilábicas, <i>donde filiz, chuver</i> .	Mesmos fenômenos.
Queda das vogais átonas postônicas nas proparoxítonas: <i>pêzgu, cosca, oclos</i> , por <i>pêssego, cócegas, óculos</i> . Com isso, predominam as paroxítonas.	Mantém-se as átonas postônicas nas proparoxítonas, que são mais frequentes na fala culta.
Vogais átonas finais <i>-e, -o</i> são mantidas em algumas regiões, e fechadas em outras, encontrando-se as pronúncias <i>pen-te – pen-ti, lobo – lobu</i> .	Mesmos fenômenos.
Perda da distinção entre ditongos e vogais em contexto palatal: monotongação em <i>caxa, pexe, bejo, queijo</i> ; ditongação em <i>bandeija, feichar</i> .	Não ocorre a perda do ditongo ou a ditongação nesses vocábulos.
Desnasalação e monotongação dos ditongos nasais finais: <i>hómi, faláru</i> .	Os ditongos nasais são mantidos: <i>homem [òm~ey], falaram [falárãw]</i> .
Monotongação dos ditongos crescentes átonos em posição final: <i>ciença, experiência, negoço</i> .	Manutenção desses ditongos: <i>ciência, experiência, negócio</i> .
PRONÚNCIA DAS CONSOANTES	
Retroflexão do <i>r</i> na área dos falares caipiras, seja no final ou na posição inicial de sílaba e nos grupos consonantais: <i>porta, caro, cobra</i> . No Nordeste e no Rio de Janeiro, vibração posterior. No Sudeste e Sul, vibração anterior.	Mesmos fenômenos, com a tendência a discriminar o <i>r</i> retroflexo em situações formais.
Troca de <i>l</i> por <i>r</i> em final de sílaba e em grupos consonantais: <i>marvado, pranta</i> .	Manutenção do <i>l</i> : <i>malvado, planta</i> .
Troca de <i>v</i> por <i>b</i> em palavras tais como <i>barrer, bassoura, berruga, bespa</i> , em Pernambuco, Bahia e São Paulo.	Manutenção de <i>v</i> : <i>varrer, varroura, verruga, vespa</i> .
As dentais <i>t</i> e <i>d</i> em posição final (1) podem ser mantidas como tais, (2) palatizadas, como em <i>denti, pòdi</i> , (3) africadas como em <i>dentfi, pòdʒi</i> .	Mesmos fenômenos.



Iodização da palatal <i>lh</i> : <i>oreya, vèyu</i> .	Manutenção da palatal: <i>orelha, velho</i> .
Espiração e perda de <i>-s</i> final: <i>vamos &gt; vamoh; pôs &gt; pôih</i> .	Manutenção da sibilante: <i>vamos, pôs</i> .
<b>MORFOLOGIA</b>	
Morfologia nominal e pronominal	
Perda progressiva do <i>-s</i> para marcar o plural, que passa a se expresso pelo artigo: <i>os hõmi, as pessoa</i> .	Manutenção das regras redundantes de marcação do plural, salvo na fala rápida: <i>os homens, as pessoas</i> .
Perda do valor do sufixo <i>-ior</i> nos comparativos de superioridade, utilizando-se o advérbio <i>mais</i> : <i>mais mió, mais pió</i> .	Preservação do valor comparativo do sufixo <i>-ior</i> : <i>melhor, pior</i> .
Alterações no quadro dos pronomes pessoais: generalização do reflexivo <i>se</i> para a primeira pessoa ( <i>eu se esqueci, nós não se falemo mais</i> ), perda do pronome <i>o</i> , substituído por <i>ele</i> ( <i>eu vi ele</i> ), generalização do pronome <i>lhe</i> , substituição de <i>tu</i> por <i>você</i> no centro do país, substituição de <i>nós</i> por <i>a gente</i> .	O pronome reflexivo ou mantém sua pessoa gramatical, na terceira pessoa ( <i>ele se esqueceu</i> ) ou é omitido ( <i>eu esqueci</i> ). A perda de <i>o</i> na língua falada se difunde, substituindo-o por <i>ele</i> ou por $\emptyset$ , mantendo-o apenas na língua escrita. Usa-se <i>tu</i> apenas nas regiões Norte e Sul do país, neste caso sem com ele concordar o verbo: <i>tu sabe de uma coisa?</i>
Redução do quadro dos pronomes possessivos para <i>meu / seu / dele</i> , com perda progressiva de <i>teu</i> nas regiões em que desapareceu <i>tu</i> .	Mesmas características. O pronome <i>teu</i> pode aparecer em contextos marcados, alternando com <i>seu</i> : <i>Meta-se com os seus negócios, isto não é da tua conta!</i>
Redução dos pronomes demonstrativos a dois tipos: <i>esse/aquele</i> , o primeiro para indiciar objetos próximos ou para retomar informações próximas, e o segundo para indiciar objetos ou informações distanciadas.	Mesmas características.
Generalização do pronome relativo <i>que</i> , perdendo-se <i>cujo, onde</i> .	Mesmas características.
Morfologia verbal	
Elevação da vogal temática no pretérito perfeito do indicativo: <i>fiq<del>ue</del>mo, falemo, bebimu</i> .	Manutenção da vogal temática, continuando indistintos o presente e o pretérito: <i>ficamos, falamos, bebemos</i> .
Simplificação na morfologia de pessoa, dadas as alterações no quadro dos pronomes pessoais, reduzindo-se a conjugação a apenas duas formas diferentes: <i>eu <u>falo</u>, você / ele / a gente <u>fala</u></i> . Por hipercorreção, pode-se ouvir <i>a gente falamos</i> .	A morfologia de pessoa reduz-se a três, às vezes a quatro formas diferentes: <i>eu <u>falo</u>, você / ele / a gente <u>fala</u> / eles <u>falam</u></i> .
<b>SINTAXE</b>	
Simplificação da concordância nominal, expressa apenas pelo determinante (como em <i>as pessoa</i> ); essa simplificação se acentua quando o substantivo e o adjetivo vêm no diminutivo ( <i>aqueles cabelim branquim</i> ). A concordância é ainda visível quando há saliência fônica diferenciando a forma singular da forma plural, como em <i>as colheres</i> , que tem uma sílaba a mais do que <i>a colher</i> .	Manutenção da concordância nominal com redundância de marcas: <i>as pessoas, aqueles cabelinhos branquinhos</i> .
Simplificação da concordância do verbo com o sujeito: <i>as pessoa <u>fala</u>, <u>fala</u>, mas não <u>resolve</u> nada</i> . Ocorrendo saliência fônica entre as pessoas do verbo, mantém-se a concordância: <i>as pessoa <u>sáiru</u>, mas elas <u>são</u> bõo</i> .	Mantém-se a concordância do verbo com o sujeito, mas a regra pode não se aplicar quando o sujeito é posposto e separado do verbo por expressões várias: <i>Faltou mesmo depois de tanta luta <u>as respostas</u> mais interessantes</i> .
Predominância do sujeito expresso e colocado antes do verbo, evitando-se o sujeito posposto.	Mesma característica. Sujeito “pesado”, isto é, constituído por muitas sílabas tende a pospor-se



	ao verbo, mas a sintaxe torna-se progressivamente mais rígida.
Objeto direto pronominal expresso pelo pronome <i>ele</i> ( <i>eu vi ele</i> ) ou por <i>lhe</i> ( <i>eu não lhe conheço</i> ). Objeto indireto expresso por pronome demonstrativo neutro e complemento oblíquo tendem a aparecer antes do verbo: <i>Issso eu quero</i> , <i>Issso eu preciso</i> .	Discreta preferência pelo objeto direto omitido: <i>eu vi Ø</i> . Na fala culta espontânea é comum dizer-se <i>eu vi ele</i> , mas ainda é raro o uso de <i>lhe</i> como objeto direto. Mesmas características nos demais casos.
Abundância de construções de tópico com retomada pronominal no interior da oração: <i>A menina, ela chegou agora mesmo</i> .	Mesma característica.
Preferência pela oração relativa cortadora, em que se omite a preposição antes do pronome relativo ( <i>perdi a revista que a capa estava rasgada</i> ) e pela relativa copiadora, em que se insere pronome pessoal depois do relativo ( <i>o menino que ele chegou trouxe a correspondência</i> ). Nos dois casos, nota-se que o relativo se “despronominaliza” e é cada vez mais apenas uma conjunção.	Preferência pela oração relativa padrão, sobretudo na variedade escrita: <i>perdi a revista cuja capa estava rasgada, o menino que chegou trouxe a correspondência</i> . Na variedade falada espontânea já se encontram as relativas cortadora e copiadora.
Preferência pela oração substantiva “dequeísta”: <i>Ele falou de que não sabia de nada</i> .	Preferência pela oração substantiva “não-dequeísta”: <i>Ele falou que não sabia de nada</i> .

## 1.2 – Graus de intimidade com o interlocutor.

Diferentes graus de intimidade caracterizam o espaço social intra-individual. A língua produzida segundo esse eixo é denominada *registro*, em que se reconhece o *Português informal ou coloquial* e o *Português formal ou refletido*.

Falamos inteiramente “à vontade” com nossa família e com nossos amigos. Falamos com mais cuidado, escolhendo as palavras e refletindo mais sobre a impressão que vamos dar quando falamos com pessoas desconhecidas. Em consequência, escolhemos os recursos linguísticos adequados a essas situações. Veja como um mesmo indivíduo escreve um bilhete pra namorada ou se dirige ao seu superior:

**Quadro 2: características do Português informal e do Português formal**

<b>Português informal</b>	<b>Português formal</b>
<b><i>Bilhete para a namorada</i></b>	<b><i>Carta para o patrão</i></b>
<i>Oi Bia:</i>  <i>Seguinte. A gente combinou de ir no cinema amanhã, sessão da tarde. Não vai dar. Me esqueci que tem uma prova no colégio, e se eu não estudar minha velha me pega pelo pé. Eu, hein? Tô fora. Você me entende.</i>	<i>Senhor gerente:</i>  <i>Terei de faltar amanhã ao trabalho em razão de uma prova bem difícil, no colégio. Precisarei estudar, pois se eu for mal nessa prova minha mãe vai ficar muito nervosa. Espero que o senhor compreenda minha situação</i>



Beijocas,  
Pedrão

e que me desculpe.  
Atenciosamente,  
Pedro

### 1.3 – Variação etária e variação sexual

Outro ponto que faz variar nossa linguagem é dada pelo espaço individual, ou seja, por nossa idade e por nosso sexo. A variação que daí resulta é conhecida pelo termo técnico *socioletos*.

São socioletos a linguagem dos jovens e dos velhos, a linguagem dos homens e das mulheres. Velhos falam como se falava antes, e jovens acolhem as mudanças na língua que serão generalizadas posteriormente. Jovens usam mais gírias que velhos.

A estrutura da língua portuguesa não explorou muito fortemente a diferença entre sexos. Em algumas línguas, a própria morfologia\* é diferente, segundo quem fala é um homem ou uma mulher. Pesquisas sobre o português culto mostraram, entretanto, que mulheres e homens distribuem diferentemente expressões do tipo *eh...*, *ahn...* *eh...* quando falam, criando o que Tarallo (1993) chamou de “sotaque sintático”.

#### (3) Espaço temático

Outra característica da fala que leva à variação linguística é o assunto que está sendo desenvolvido. Podemos falar de assuntos do dia-a-dia, e teremos o *Português corrente*. Podemos falar de assuntos especializados, e aí teremos o *Português técnico*. Só para dar um exemplo: o paciente procura o médico e diz que está com “dor-de-cabeça”. O médico escreve o diagnóstico: “cefalalgia”. A dor é a mesma, mas cefalalgia parece mais elegante, não é mesmo? Essa impressão vem do fato de que a primeira expressão é usada toda hora, por pessoas de qualquer nível cultural, mas a segunda é mais rara, sendo comumente usada por médicos. A gramática é a mesma, mas o vocabulário é muito diferente. Muitas piadas são construídas sobre o jogo “linguagem corrente / linguagem técnica”, e você deve conhecer várias.



O modo como elaboramos um assunto não fica na seleção de termos técnicos. Podemos focalizar com cuidado determinado assunto – e teremos o *discurso definido* – ou podemos falar de modo muito vago, como os políticos quando respondem a perguntas indiscretas – e teremos o *discurso impessoal ou indefinido* – e por aí vai a coisa. Uma coisa é dizer “*eu paguei essa conta, é o que te digo*”, e outra, mais “vagal”, é dizer “*parece que essa conta já foi paga, pelo menos foi o que me disseram*”.

Compare agora os dois textos abaixo e tire suas conclusões sobre o que é a linguagem corrente e o que é a linguagem técnica.

**Quadro 3: comparando a linguagem corrente com a linguagem técnica**

Linguagem corrente	Linguagem técnica
<p><i>O câncer de boca mata muita gente. Parece que essa doença é causada pelo fumo, que provoca um conjunto de alterações nas células da gente. O biólogo Wirshow, que pela primeira vez estudou o câncer, dizia que essa doença é como uma loucura que dá nas células. Elas mudam de comportamento mas quem paga o pato é você. Ainda mais quando as doidinhas dão de invadir seu corpo. Acho que é isso aí.</i></p>	<p><i>A transição epitélio-mesenquimal é um processo-chave na invasão e metástase em carcinomas, sendo responsável pela ativação de genes mesenquimais como a Vimentina e pela inibição de genes epiteliais como as Citoqueratinas. Uma série de eventos segue a transição epitélio-mesenquimal, como a perda da adesão celular, a síntese de componentes exclusivos da matriz extracelular como a glicosaminoglicana Fibronectina e a síntese de proteases como a Estromelisin-1.</i></p> <p>Rogério Moraes de Castilho (2003). Transição epitélio-mesenquimal em carcinomas epidermóides bucais. São Paulo: Universidade de São Paulo, tese de doutoramento.</p>

(4) Espaço temporal

Finalmente, locutor e interlocutor atuam em determinado momento histórico, e a época de que procedem reflete-se no material lingüístico que selecionam. O elenco desses materiais configura a variação diacrônica, de que se ocupa a Lingüística Histórica\*. Alguns autores usam o termo *cronoleto* para designar as variedades diacrônicas. Leia estes dois cronoletos, sendo o da esquerda um trecho retirado da *Crônica Geral da Espanha*, texto do século XIV, e o da direita sua adaptação para o cronoleto de hoje em dia:



#### Quadro 4 – Exemplos de Português arcaico e de Português contemporâneo

Português arcaico	Português contemporâneo
<i>Os filhos de Pompeo, que scaparon da batalha, veheronse pera as Spanhas e apoderaronsse dellas e ajuntavã a sy muytas gentes. E, quando o soube Julyo Cesar e que ouve ordenado daquella vez ena cidade de Roma aquello que teve por bem com o senado, foisse logo pera as Spanhas cõtra os filhos de Pompeo, que alló andavã. E, des o dia que sayu de Roma, tanto andou, que em dez e sete dias foy na cidade de Segonça, por hyr apressa sobre seus inmiigos a deshora. E soube novas dos filhos de Pompeo, hu erã (= onde estavam), e foy logo contra elles e contra outros dous pryncipes que eram com elles, Lubio e Acio Varo, que eram hy cõ aqueles dous filhos de Pompeo.</i>	<i>Os filhos de Pompeu que escaparam da batalha, dirigiram-se à Espanha e apoderaram-se dela, juntando a si mesmos muitas pessoas. E quando Júlio César soube disso, depois de ter determinado ao Senado, na cidade de Roma, aquilo que achava bom, foi logo para a Espanha, contra os filhos de Pompeu, que por lá andavam. E desde o dia que saiu de Roma, andou tanto que em dezessete dias já estava na cidade de Segonça, para ir logo e a tempo contra seus inimigos. E teve notícias dos filhos de Pompeu, onde estavam, e foi logo contra eles e contra outros dois príncipes que estavam com eles, Lúbio e Ácio Varo, que ali estavam com aqueles dois filhos de Pompeu.</i>

Acesse o Portal da Nossa Língua, e leia textos das diferentes épocas da língua portuguesa.

## 2. O que vem a ser Português culto?

Cada uma das situações sociolinguísticas descritas na seção anterior dispõe de normas próprias. Ninguém usa o português formal numa situação familiar, ninguém fala como se falava no passado, e assim por diante. Esse é o entendimento que se tem de uma norma geral, de motivação antropológica.

Os antropólogos entendem a norma como um fator de aglutinação social, argumentando que ela é um conjunto de ações e atitudes culturais que resultam de forças coletivas. Em qualquer comunidade, cobra-se fidelidade de seus membros aos diferentes padrões culturais, aí incluída a língua. Sem adesão a esses padrões, o indivíduo passa a ser estranhado por seu grupo, e, no limite, toda uma comunidade perde sua identidade.

Mas tem-se observado que nas diversas comunidades de fala há sempre uma norma específica, uma variedade linguística de maior prestígio, a que se denomina *língua padrão, norma culta\**.

Os lingüistas observaram que em face da norma culta as demais variedades sofrem discriminação. O conceito mesmo de norma culta abriga diferentes aspectos que se devem distinguir. Em trabalhos anteriores, Castilho (1978 e 1980) reconheceu três tipos de norma: a *norma objetiva* (ou padrão real), a *norma subjetiva* (ou padrão ideal) e a *norma pedagógica* (ou padrão das escolas).

A norma objetiva é o uso lingüístico concreto praticado pela classe culta, socialmente prestigiada. Ela é, portanto, um dialeto social. Ao longo da história de um povo identificam-se classes que assumem ascendência sobre as outras, irradiando comportamentos sociais e comportamentos lingüísticos. As raízes dessa ascendência são em geral de natureza econômica.

Como um dialeto social, a norma objetiva não está a salvo do fenômeno da variação lingüística. Assim, temos uma norma objetiva para cada período histórico, uma norma geográfica (em países de maior estabilidade social a norma coincide com o falar de uma região; no caso do Brasil, o policentrismo cultural acarreta necessariamente uma variedade de normas objetivas), uma norma intra-individual (há uma norma coloquial e uma norma refletida), uma norma individual (há normas para as diferentes faixas etárias da classe de prestígio), uma norma temática e uma norma relativa ao canal (norma da língua falada, norma da língua escrita).

Grandes projetos de pesquisa têm descrito a norma objetiva, como é o caso, no Brasil, do Projeto NURC, que documentou e descreveu a língua falada culta: Castilho (1990).

A norma subjetiva é o conjunto de juízos de valor emitidos pelos falantes a respeito da norma objetiva. Como se sabe, ao descrever a norma objetiva localizam-se variantes para o mesmo fenômeno, como os tipos de execução do fonema\* /r/, as diversas estratégias de concordância nominal e verbal, a ordem variada dos elementos funcionais da sentença, etc. Confrontada com o elenco de variantes possíveis, a classe culta seleciona a que parece mais adequada, discriminando as demais, ou utilizando-as apenas em circunstâncias precisas como, por exemplo, articular /r/ como



um alofone vibrante anterior ou posterior, discriminando a execução retroflexa nas situações formais (conhecido como /r/ caipira), usar o mais-que-perfeito simples na modalidade escrita mas rechaçá-lo claramente na língua falada, etc. Rodrigues (1968: 43) define esta modalidade como tudo aquilo que se *"espera que as pessoas façam ou digam em determinadas situações"*. Testes especiais foram concebidos pela Sociolinguística para apurar essas preferências, naturalmente após se ter obtido uma boa descrição da norma objetiva. Tornou-se bem conhecido entre nós o ensaio de William Labov, "The isolation of contextual styles": Labov (1972). Ele propõe ali uma categorização da fala em "situação de entrevista", "estilo de leitura", "listas de palavras" e "pares mínimos". Levando o falante a transitar por esses diferentes estilos é possível documentar a norma subjetiva, ou seja, é possível descobrir o que o falante pensa de sua própria execução linguística. Esse método foi utilizado por linguistas brasileiros para avaliar juízos, entre outros tópicos, a respeito do [r] caipira, da abertura de vogais pretônicas no Nordeste, da palatização do /t/ e do /d/, do uso de a gente por nós, de tu por você, e assim por diante: veja Mollica / Braga (Orgs. 2003).

Se associarmos a norma objetiva e a norma subjetiva poderemos configurar a norma pedagógica (também conhecida como norma gramatical) que é, portanto, uma mistura um tanto difícil de realismo com idealismo em matéria de fenômenos lingüísticos. Da norma pedagógica se ocupa o ensino formal da língua portuguesa, com seus instrumentos de trabalho, a Gramática Normativa e o Dicionário.

Ora, numa sociedade em rápido processo de mudança como é a brasileira, há uma natural flutuação nas aspirações da classe escolarizada com respeito à adequação em matéria lingüística. Foi por isso inevitável a flutuação da norma culta ao longo dos tempos. Assim, durante o Brasil Colônia, o português padrão brasileiro coincidia com o português padrão lusitano, pois os portugueses comandavam os negócios públicos, imprimiam rumos políticos e culturais ao território, e tinham por isso um prestígio social maior. Com a Independência e a ascensão dos brasileiros a esses cargos, configurou-se outra variedade de prestígio, e com isso o português culto do Rio de Janeiro, capital da Colônia, e depois do Império e da República, impôs-se como um novo padrão, passando a ser utilizado nos materiais didáticos e mesmo em congressos



científicos como a modalidade a ser adotada por quem quer que buscasse prestígio linguístico em sua comunidade. Com a mudança da Capital para Brasília e o desenvolvimento de outras regiões, como se verá neste texto, passou a ocorrer no Brasil uma situação de policentrismo cultural, e hoje é uma tarefa inútil buscar na fala do Rio, de São Paulo, ou de qualquer outra região, um padrão válido para todo o país. Temos diversos padrões linguísticos, cujo prestígio vale para as regiões em que são praticados.

Importa igualmente dar-se conta de que a teoria da variação linguística tem tido uma grande repercussão na análise gramatical. Admite-se hoje que os falantes de uma língua operam com uma variedade de gramáticas, de acordo com a situação linguística particular em que estão envolvidos. Labov (1972) diz que é possível estudar a língua em situações reais de uso, porque a heterogeneidade da língua é estruturada.

### **3. O português certo e o português errado seriam duas línguas diferentes?**

Consultando o Quadro 1, aprende-se que (1) não há uma oposição categórica entre fala popular e fala culta, ocorrendo em muitos casos um compartilhamento de propriedades; (2) em certos casos, a preferência culta exclui fortemente a preferência popular; (3) em situações informais, diminui a distância entre essas variedades, e o falante culto pode aproximar-se bastante da execução popular, ainda que não em todos os casos; (4) as variedades populares flutuam de acordo com a região geográfica, mas a fala culta é um pouco mais homogênea, sobretudo em sua forma escrita. Em conclusão, o que temos aqui são variedades linguísticas de uma mesma língua, não duas línguas diferentes.

Podemos agora voltar às primeiras perguntas formuladas neste texto, refletindo um pouco sobre o que há de certo e de errado nesse problema de falar certo e de falar errado.



Falando como professor de Português, diria que o que há de certo nesta questão é nossa inarredável obrigação de passar a nossos alunos o modo culto de falar e de escrever. Como todo mundo está cansado de saber, o modo certo não deriva de nada intrínseco ao Português. Não há formas ou construções intrinsecamente erradas, nem intrinsecamente certas, com exceção da grafia das palavras, que é a única matéria lingüística sujeita a uma legislação explícita. Assim, o certo ou errado deriva apenas de uma contingência social, que é, como se viu, que em todas as comunidades sempre se atribui a determinada classe um prestígio, uma ascendência sobre as demais classes que compõem essa comunidade.

A classe de prestígio não atua apenas na língua. Ela dita igualmente as normas de comportamento, o estilo da roupa, o gosto por certo tipo de música. Entra nessa lista a escolha de determinadas variedades lingüísticas, dentre aquelas que estão à disposição dos falantes. Ao escolher uma variante, essa classe “condena”, por assim dizer, as outras variedades. Assim, para pegar um exemplo banal, a comunidade culta nacional torce o nariz quando ouve alguém dizer *Os brasileiro gosta de futebol*. Essa construção não é usada pelos integrantes da classe culta. Entretanto, quando indivíduos dessa mesma comunidade precisam dizer essa frase em francês ou em inglês, eles não parecem nem um pouco aborrecidos só porque nessas línguas não há concordância verbal, e a concordância nominal ficou restrita ou ao substantivo, como no inglês, ou ao artigo, como no francês. É pelo menos isso que constatamos em *Les bresiliens aiment le football*, ou *The Brazilians love football*. No francês, parece haver plural também no substantivo *bresiliens*, mas esse “s” não é pronunciado, e aparece apenas na escrita. Já no inglês o artigo é invariável, e assim *the* significa *o, a, os, as*. Que prático, não? Pois é, os franceses, os ingleses e os americanos quase despacharam por inteiro dona concordância para o cesto das inutilidades, mas nem por isso se diz que eles são uns ignorantes! Parece que os brasileiros vão indo pelo mesmo caminho, neste começo do séc. XXI.

Agora, uma coisa diferente é como utilizar a norma culta quando não procedemos da classe social legitimadora dessa norma. E como ministrá-la nessas circunstâncias.



Sobre isso se tem conversado e publicado muito ultimamente, e decerto voltaremos ao assunto aqui no Portal.

Pelo menos três complicadores tornam particularmente difícil a tarefa de ensinar a norma culta em nossos dias: a mudança social, a mudança lingüística e a mudança da perspectiva didática.

Por **mudança social** quero referir-me às alterações da sociedade brasileira. De 1950 para cá o Brasil deixou de ser um país rural e passou a ser um país urbano. Com as fortes migrações de europeus no séc. XIX, e de brasileiros que vieram do campo para a cidade no séc. XX, a sociedade urbana se tornou muito complexa, muito heterogênea. Foram rompidos os vínculos que davam homogeneidade e um senso de segurança à nossa sociedade. Vemos as conseqüências disso claramente no dia-a-dia de nossas metrópoles e nas salas de aula.

Ora, nesse quadro de grande mobilidade social, em que a subida de segmentos e a descida de outros acarreta uma profunda revisão dos valores, como ficam as “certezas” da gramática escolar? Como elas se sustentarão nesse clima de mudança? O que está ocorrendo afinal com o “nosso Português”? Ouvimos todo dia na televisão e lemos nos jornais que o Português está decadente, que todo mundo fala mal e escreve pior. Que é preciso defender a pátria, ameaçada pelos solecismos e pela entrada maciça dos anglicismos. Você não deve deixar de ler a este respeito a análise inteligente de Rosa Virgínia Mattos e Silva (2004), denominada “Dizem que vai mal o vernáculo no Brasil”. Aliás, muita gente está ganhando um bom dinheirinho com esse pânico todo, que não tem o menor fundamento.

Mas o curioso é que, a despeito desse catastrofismo, todo mundo continua se entendendo através da linguagem, a tiragem dos jornais aumenta, e a indústria editorial do país começa a ombrear-se com a de lugares adiantados em volume de obras publicadas a cada ano. E os blogs nunca fizeram os jovens escrever tanto como agora! Decadência da língua? Onde, cara pálida?



A **mudança lingüística** vem sendo amplamente documentada nas pesquisas diacrônicas empreendidas pelas universidades brasileiras. Desde o séc. XIX o Português Brasileiro e o Português Europeu começaram a afastar-se um do outro. A mudança começou no quadro dos pronomes, e daí se irradiou para a morfologia e para a sintaxe, atingindo o cerne de uma língua, que é seu sistema gramatical. Ora, alguns manuais didáticos ainda nos julgam muito próximos de Portugal, e isso deixou de ser verdade. Será que nossos joguinhos do certo e do errado ainda se sustentam, em face desse novo quadro lingüístico ?

Mas a **mudança de perspectiva didática** é a que torna ainda mais duvidoso centrar o ensino nas questões do certo e do errado. A ninguém deve ter passado despercebido que a escola deixou de ser a única instituição que dissemina a informação. A mídia, os meios eletrônicos de comunicação fazem isso com muito mais eficiência e rapidez. Libertada finalmente de seus encargos de depositária e divulgadora do conhecimento, a escola poderá finalmente cumprir o mais alto de seus objetivos, que é o de criar o conhecimento, o de levar as pessoas a pensarem, a desenvolverem seu juízo crítico. Temos de nos lembrar que nosso ofício maior não é ensinar a crase, é formar o cidadão de um estado democrático. De um cidadão numa democracia exige-se senso crítico, capacidade de julgar entre alternativas e escolher a que lhe pareça melhor. Dele se exige ampla exposição à variedade de possibilidades, à variedade de entendimentos, e também à variedades de execução da coisa pública. E da língua portuguesa.

Se em lugar de encarar criticamente a situação brasileira continuarmos a prescrever sem mais debates o que é certo e condenar o que é errado, estaremos por certo perdendo uma grande oportunidade para formar o cidadão. Isso tanto é mais grave no caso dos alunos que não integram classe culta - e estes são hoje a maioria na escola pública. A centração exclusivista do ensino da norma culta poderá destruir neles a chamada “fidelidade lingüística”, isto é, seu apego à variedade lingüística aprendida em família, um dos fundamentos mais fortes de sua identidade psicossocial.



Chegar à escola e só ouvir que você e sua família falam errado, é receber uma sentença de exclusão, de marginalização. “Você fala errado, logo está fora”. Essa é primeira manifestação do Estado que tantos jovens brasileiros encontram, quando estréiam na escola: “você é um errado, e sua família não fica atrás”. E depois nos espantamos quando esses excluídos voltam e vandalizam a escola!

Em lugar de excluir, que tal envolver os alunos numa discussão sobre o fenômeno linguístico, fundamentada em amostras de língua e em suas variedades? E, conscientizados dessas diferenças, associarmos as situações de fala às variedades adequadas a elas? A estratégia do certo ou do errado é excludente, se adotada como missão única da escola não dará lugar às diferenças, e nesse sentido, será perniciosa à formação do espírito democrático. Democracia é a convivência dos contrários. Seremos democratas se nos limitarmos a um único recorte de língua, mesmo que seja aquele prestigiado pela sociedade, condenando o resto?

#### **4. Dizem que o Português é uma língua muito difícil. É verdade?**

Mas a concentração do ensino do Português na questão do certo/errado produz outro efeito colateral perverso. Quando lutamos com nossos alunos, condenando o erro gramatical, cheios de boa intenção (daquela boa intenção que enche o inferno), achando que nossa única função é expulsar definitivamente o erro gramatical, o que se observa é que não vemos resultados práticos! E pior ainda, escutamos adultos de formação universitária e jovens em idade escolar declamando o tempo todo: O PORTUGUÊS É UMA LÍNGUA MUITO DIFÍCIL, NUNCA VOU APRENDER ISSO DIREITO!

Aliás, uma reação muito comum quando somos apresentados a um professor de Português é logo começarmos a nos justificar, fazendo afirmações como as de acima, explicando que nunca entendemos direito a gramática! Ou seja, quando o ensino se concentra na questão do certo e do errado, seu resultado é incutir fundo na alma nacional a autodesconfiança, a insegurança no uso da língua materna!! Um duro e estéril ofício esse, castrador da cidadania. É tão arraigada, é tão internalizada na alma



nacional essa autoconsciência de desvalia lingüística, que as pessoas se irritam quando queremos simplesmente argumentar, discutir, conversar sobre o que se considera certo ou errado. É uma lástima que a concepção costumeira sobre o que é estudar a Língua Portuguesa tenha chegado a um nível tão baixo!! É o Português do Brasil que está esculhambado? Ou será seu ensino, por equivocado, que se esculhambou? De um jeito ou de outro, a Língua Portuguesa, a quinta língua mais falada no mundo, prosseguirá galhardamente na boca de brasileiros, portugueses e africanos.

O Museu da Língua Portuguesa e o Portal da Língua têm por objetivo mostrar alternativas a tudo isso, transformando a reflexão sobre a língua num exercício prazeroso.

## **5. Onde se fala o “melhor português”?**

Outro efeito secundário da centração no lance do certo e do errado é a pergunta que abre esta seção.

Você decerto já notou que há uma grande curiosidade em se saber qual é o melhor Português falado e escrito no Brasil. Muitas perguntas são feitas a esse respeito. Eis aqui algumas respostas que têm sido dadas:

*(1) “O melhor Português é o de São Luís do Maranhão, por causa da influência francesa”.*

Esquisito, não? É o Francês que especifica que Português é o melhor? Já se comprovou a influência da língua francesa no Português praticado por nossos compatriotas maranhenses? Já se comprovou que é isso mesmo que eles mesmos pensam de sua execução lingüística?

*(2) “O melhor Português é o dos escritores clássicos, como Camões, Pe. Vieira, Pe. Bernardes, Eça de Queirós, Camilo Castelo Branco, e aqui no Brasil,*



*Machado de Assis, Euclides da Cunha. Para ser bamba em Português você tem que ler todo dia esses autores”.*

Esta é outra esquisitice: lendo o Português dos jornais e das revistas, ou mesmo dos autores contemporâneos, o que se vê aí se parece com o modo de escrever dos clássicos? Por outro lado, se para escrever bem é preciso imitar os clássicos, quer dizer que a língua não muda, ficará sempre parada no período clássico, entre os séculos XVI e XIX? É claro que qualquer pessoa deve ler extensivamente os textos literários. Mas isso para a formação de um repertório cultural, e pelo prazer da leitura. Não para aprender gramática. Não para imitar a linguagem ali exemplificada.

Por outro lado, é impossível comprovar que o padrão culto é aquele documentado na língua literária\*. Há um padrão da língua falada, que corresponde aos usos lingüísticos das pessoas cultas. Há um padrão da língua escrita, que corresponde aos usos lingüísticos dos jornais e revistas de grande circulação, os únicos textos que garantidamente estão ao alcance da população. Ambos os padrões apresentam as variações lingüísticas comuns às sociedades complexas, de que já falamos atrás.

Já a língua literária é outra coisa, pois assenta num projeto estético que impulsiona os autores a, justamente, distanciar-se da escrita do dia-a-dia, buscando um veio próprio, singular, diferenciado, não-padrão. É um desrespeito tratar os grandes escritores da língua como meros fornecedores de regras de bom Português, para uso das escolas. Como diríamos coloquialmente, os escritores estão em outra, para sorte de seus leitores.

*(3) “O melhor Português é o do Rio de Janeiro, que foi capital da Colônia, do Reino Unido e do Império. Além do mais é um grande centro cultural, irradiador das novas modas e comportamentos”.*

Essa resposta valeu até os anos 60, num período em que o Rio de Janeiro era sem dúvida a maior cidade do Brasil, abrigando as maiores editoras, jornais, revistas e teatros do país. Até aquele tempo, todo mundo ouvia a Rádio Nacional, com suas



novelas e seus programas noticiosos. Até mesmo em alguns congressos realizados nessa década a variedade linguística carioca foi considerada como o Português padrão do Brasil, tendo sido utilizada na preparação de livros didáticos por professores do Rio de Janeiro, impressos por editoras localizadas em sua maioria na mesma cidade. Mas a verdade é que nunca se comprovou que as classes cultas brasileiras do resto do país falavam como os cariocas, nem que passassem a falar como tal por influência do rádio, dos jornais, das revistas e do teatro.

(4) *“O melhor Português é o de São Paulo, por que é uma cidade rica, e a maior cidade de língua portuguesa no mundo”.*

Bom, aqui estaremos trocando seis por meia dúzia, pois manteríamos o raciocínio de que o Português padrão está localizado em alguma cidade, em algum lugar por aí. Também estaríamos admitindo que o dinheiro e a quantidade de gente muda o comportamento linguístico das pessoas.

Ora, em contraposição a tudo isso, o que se sabe hoje é que a pesquisa linguística levada a efeito por grandes projetos coletivos dos anos 70 confirmaram a hipótese de Nelson Rossi sobre o policentrismo da sociedade brasileira, nucleada - após a intensa urbanização do país - no Norte, Nordeste, Centro-Oeste, Sudeste e Sul: Rossi (1968). Nenhuma das grandes cidades brasileiras é representativa do português padrão brasileiro. Hoje se sabe que nelas surgiram padrões marcados por escolhas fonéticas e léxicas que se não complicam a intercomunicação, pelo menos não escondem os diferentes modos de falar dos brasileiros cultos, objeto de consideração nas escolas.

Impossível, portanto, escolher uma variedade regional e considerá-la o padrão do Português Brasileiro. Que cada região descreva sua variedade culta e a recomende para uso em suas escolas, sem preconceitos calcados na velha história de que “a galinha do vizinho é mais gorda que a minha”.



Aliás, se você reler o que foi dito atrás sobre variação linguística, e melhorar seu conhecimento lendo a bibliografia recomendada, verá que a própria pergunta sobre o melhor português não faz o menor sentido.

## **6. Então, o que faremos com as regras do certo e do errado?**

Há com certeza outros rumos a imprimir ao ensino do Português como língua materna. Esse ensino tem de tomar por ponto de partida uma verdade inquestionável: o Português brasileiro é muito variado, e cada região naturalmente tenderá a firmar sua fidelidade ao Português aprendido no berço.

Castilho (1998 a, 2004) propõe como um bom caminho para separar certo do errado que cada um desenvolva reflexões pessoais sobre a língua.

Nessa proposta, a gramática deveria ser restituída à sua dimensão original, lembrando-se que no mundo ocidental os primeiros gramáticos gregos e latinos estavam mais preocupados com a eficácia do uso da linguagem no dia-a-dia, e para isso tiveram de refletir sobre as classes, as relações e as funções gramaticais, lançando as bases da reflexão sobre a língua. Tudo estava subordinado a um objetivo maior: preparar o cidadão para o exercício da democracia direta, na praça pública, naqueles bons tempos em que as maiores cidades do mundo ocidental tinham escassos 30 mil habitantes!

Um acidente de percurso fez com que, com o passar dos tempos, a gramática se autonomizasse, virasse uma disciplina com um fim em si, focalizando a atenção só no uso culto. Datam daqui os fracassos em seu ensino. Reconduzir a reflexão gramatical ao seu lugar de origem, isto é, ao uso lingüístico concreto, é uma boa hipótese para renovação de seu ensino.

Aqui, uma pequena retificação. É preciso distinguir “gramática implícita”, aquela que adquirimos quando aprendemos a falar, da “gramática explícita”, que é o esforço sempre incompleto de descrever e interpretar a “gramática implícita”, que é o mesmo



que “gramática mental”. Paralelamente a isso há a gramática normativa ou prescritiva\*, que se fundamenta nas descrições para recomendar o que é certo, o que corresponde ao padrão culto de nossa língua.

A gramática implícita já foi aprendida, já está internalizada na mente dos alunos. Eles não conseguiriam se expressar, se não dispusessem dessa gramática. Na escola, o que se deve fazer é levar os alunos a explicitarem a gramática implícita. Então não há propriamente ensino de gramática da língua materna, há reflexões sobre a gramática. O que se pode ensinar são as regras encontradas no uso culto da língua, em seu uso padrão.

Entretanto, mesmo o uso culto não funciona quando passado aos alunos como uma espécie de “pacote gramatical”, como uma seqüência de pontos organizados no programa. A aula “pacoteira” é aquela em que o professor recita um “ponto” retirado de alguma gramática descritiva, faz com os alunos alguns exercícios selecionando cuidadosamente só “aquilo que encaixa”, e depois, nas provas, propõe questões que igualmente “se encaixem”. O trabalho do aluno será vomitar o que lhe foi ensinado, e assim os professores fingem que ensinaram, e os alunos fingem que aprenderam. Entre pacotes e vômitos, ao final do “processo” ninguém entende por que “não aprende Português, essa língua difícil”... Ainda bem que a inquietação que daí decorre venha sendo substituída por experimentações pedagógicas.

Ora, tudo poderia ser muito mais interessante e muito mais proveitoso se cada aula ou conjunto de aulas se constituísse à volta de um projeto de descobertas, a partir de um conjunto de dados previamente selecionados, a propósito dos quais formularíamos perguntas numa forma articulada.

Que dados seriam esses? Inicialmente, a própria fala e a escrita dos alunos. Num segundo momento, a fala e a escrita dos outros, numa extensão tal que incluía desde amostras da linguagem familiar, passando por amostras da linguagem culta, até chegarmos à língua literária.



Quando se alude à própria fala dos alunos, imaginam-se situações em que são gravadas conversas entre eles. Esses recortes de língua são a seguir transcritos, o que permitirá ao professor e aos alunos desenvolverem uma série de observações sobre os mecanismos da língua falada. Trechos narrativos dessas conversas serão escritos, e novas observações intuitivas sobre como se fala e como se escreve poderão ser desenvolvidas, mormente porque o autor desses dados é o mesmo indivíduo.

E que perguntas articuladas formularíamos a propósito desses dados? Uma primeira bateria de questões contemplaria os processos conversacionais que usamos diariamente, dos quais, entretanto, temos uma consciência escassa. Como se organiza uma conversa? Como se dá a passagem dos turnos conversacionais? Que faz o ouvinte para tomar o turno? Que faz o falante para defender seu turno? Que marcas lingüísticas encontramos nesses jogos?

Essas análises de pragmática lingüística seriam seguidas de análises da organização textual. Como são desenvolvidos os assuntos num texto? Dizemos novidades o tempo todo, ou repisamos coisas já ditas ou já escritas? Que processos lingüísticos são usados para dizer o novo ou repetir “o velho”, em matéria de informação? Que unidades do texto falado e do texto escrito contêm esses bocados de informação? Como essas unidades são articuladas formalmente, ou por outras palavras, como são os conectivos textuais?

Após esse percurso, chega-se finalmente à análise gramatical dos textos constituídos em sala de aula. Quais são as classes de palavras que ali encontramos, e qual é sua função? Em que unidades de complexidade crescente as palavras se agrupam? Qual é o formato dos sintagmas e das sentenças? Como uns e outros se interligam no enunciado? Haverá alguma correspondência entre conectivos textuais e conectivos sentenciais? Quais são os expedientes sintáticos através dos quais alteramos sentenças de base, tendo em vista a eficácia da interação?

Para mais detalhes sobre esta proposta, leia de Ataliba T. de Castilho “Refletindo sobre a Língua Portuguesa”, neste Portal.



Dados, perguntas sobre os dados, elaboração das respostas, recriação da gramática explícita em sala de aula. A solução de nossos problemas sobre o certo e o errado passa por aqui. Verificar depois como se arranjaram nestas questões aqueles que já escreveram livros sobre a língua. No ritmo aqui sugerido - e já testado em mais de um ambiente - as questões da língua ganham sua verdadeira dimensão, retomam sua vitalidade, transformando as aulas em lugares de descoberta científica. Os alunos se transformam em colegas do professor, e não há demagogia nesta afirmação, afinal alunos e professor adquiriram em sua infância a gramática implícita da mesma língua.

Uma bateria de projetinhos recairia sobre as regras do português correto ensinado nas gramáticas, em programas de televisão e em colunas de jornais. Como essas regras estão (ou deveriam estar) fundamentadas na observação do uso culto, tomemos como materiais jornais e revistas de grande circulação, observando como seus autores se comportam com respeito a essas regras. Em lugar de tentar transformar a cabeça dos alunos num armário de regras ditadas de fora para dentro, devia-se propiciar que eles mesmos descubram essas regras, conduzidos pela liderança do professor em sala de aula, não por imposições, não pela recitação de regras que muitas vezes nem os próprios professores aplicam em seu dia-a-dia.

## 7. Novas perguntas

1. Quais são as características do falar nordestino (por exemplo, pernambucano e bahiano), do sudeste (por exemplo, carioca e paulista) e do extremo sul do Brasil (por exemplo, gaúcho)?
2. Escreva um texto em linguagem corrente e outro em linguagem técnica contando um mesmo evento. Uma trombada de carros na esquina, por exemplo. Como um passante descreveria a cena? E como o policial encarregado do trânsito vai preencher seu boletim de ocorrência, o famoso “BO” ?
3. Qual é a importância de saber como é o Português culto? O que os gramáticos fazem para identificar o Português culto e a norma gramatical?



4. O que é e como funciona o preconceito linguístico?
5. Como no Brasil se tem encarado o tema da norma gramatical ?

## 8. Leituras recomendadas

1. Sobre Dialectologia e Sociolinguística: Castilho (1973), Tarallo (1985), Mollica / Braga (Orgs. 2003), Calvet (2002).
2. Sobre a variação linguística e o preconceito linguístico: Lavandera (1984), Bagno (1997, 1999, 2000).
3. Sobre o português culto e a questão da norma: Castilho (1978 a, 1979, 1980, Org. 1989), Bagno (Org. 2001, 2003).
4. Sobre como desenvolver reflexões sobre o Português: Travaglia (1996), Ramos (1997), Castilho (1998), Bagno (2001), Mattos e Silva (2004).

## 9. Glossário

*Texto:* Como é essa história de falar certo e de falar errado?

- Dialeto - Variedade linguística\* especificada por sua distribuição geográfica. O Português Brasileiro compreende dialetos do Norte (amazônico, paraense, amazônico), do Nordeste (pernambucano, bahiano), do Sudeste (caipira, carioca), do Centro-Oeste (cuiabano) e do Sudeste (paranaense, catarinense, gaúcho).

Inicialmente opunham-se os *falares*, variedades regionais de fácil intercompreensão, aos *dialeto*s, variedades regionais de difícil intercompreensão. Por essa distinção, o Brasil só dispõe de falares.

Recentemente, deixou-se de lado o termo *falar*, e *dialeto* se generalizou como termo indicador das variedades regionais assinaladas por diferentes graus de intercompreensão.

- Dialectologia - Dialectologia (ou Dialectologia) - Disciplina da Linguística que estuda os dialetos, valendo-se de registros fonéticos, seguidos da anotação dos resultados fonéticos, vocabulares, morfológicos, sintáticos e semânticos nos pontos do território em que eles ocorreram. O mesmo que Geografia Linguística.
- Sociolinguística - Estudo das relações entre a língua e a sociedade. Entre os assuntos estudados pela Sociolinguística estão os valores que uma sociedade



associa a diferentes variedades da língua, e os efeitos do contato entre línguas diferentes.

*Texto:* Graus de intimidade com o interlocutor

- Morfologia - Parte da gramática que estuda a estrutura das palavras, ou seja, a junção de morfemas e lexemas. A Morfologia compreende dois grandes domínios: Morfologia Flexional, que é o estudo dos morfemas regulares, que disponham de um comportamento previsível, como por exemplo os morfemas de plural, de pessoa, de modo e tempo, etc.; Morfologia Derivacional, que é o estudo dos morfemas de comportamento irregular, imprevisível, como por exemplo os morfemas *-mento* e *-ção*: o primeiro ocorre em *casamento*, mas não ocorre em *\*falamento*, ao passo que o segundo ocorre em *falação*, mas não ocorre em *casação*, a menos que se queira referir o ato de casar-se muitas vezes.
- Linguística Histórica - Ramo da Linguística que estuda o surgimento, a mudança e a morte das línguas naturais. Compreende a História social da comunidade que deu surgimento a uma língua e a mantém, e a Mudança gramatical, investigando as alterações fonológicas, morfológicas e sintáticas das línguas naturais.

*Texto:* O que vem a ser Português culto?

- Norma culta - Não consta
- Fonema - Não consta

*Texto:* Onde se fala o “melhor português”?

- Língua Literária - Variedade linguística escrita, caracterizada pela busca de individualidade e fundamentada num projeto estético. A língua literária é bastante marcada pelos movimentos estéticos tais como o Romantismo, o Modernismo, etc. Distingue-se da língua corrente por buscar marcas próprias, fugindo da expressão banal, rotineira.

*Texto:* Então, o que faremos com as regras do certo e do errado?

- Gramática normativa ou prescritiva - Disciplina que informa como devem expressar-se as pessoas escolarizadas, as pessoas que querem usar expressões prestigiadas na comunidade. Ver *norma gramatical*